# Leitura em meio digital: o uso da ferramenta de anotações DLNotes2

Emanoel Cesar Pires de Assis\*

#### Resumo

O trabalho, refletindo sobre a leitura de literatura em suportes assistidos pelas tecnologias digitais, procura analisar três leituras da obra Memórias Póstuma de Brás Cubas realizadas a partir do uso de uma ferramenta de anotações em obras literárias em meio digital, o DLNotes2. Buscando pressupostos nas teorias da leitura literária defendidas por autores de viés fenomenológico como Roman Ingarden (1965) e Wolfgang Iser (1996, 1999), pretendemos demonstrar como ferramentas digitais de leitura podem ser utilizadas com obras literárias digitalizadas e como essas ferramentas auxiliam/modificam/alteram a leitura de literatura em meio digital.

Palavras-chave: Leitura literária em meio digital. Literatura digitalizada. Ferramentas digitais. DLNotes2.

## DLNotes2: uma ferramenta de leitura de obras literárias em meio digital

O DLnotes21 é uma ferramenta de anotação de obras literárias em meio digital, foi desenvolvido a partir de uma parceria entre o Núcleo de Pesquisas em Informática, Linguística e Literatura - NuPILL/UFSC e o Laboratório de Pesquisa em Sistemas Distribuídos -Lapesd/UFSC. Unindo o conhecimento literário e linguístico dos pesquisadores do NuPILL aos estudos e know how encontrados no Lapesd, foi possível desenvolver uma ferramenta digital que fosse suficientemente eficaz e que possibilitasse, além da leitura, a anotação de obras literárias em meio eletrônico. É importante mencionar que estamos falando aqui daquilo que a crítica e teoria

Data de submissão: set. 2017 - Data de aceite: out. 2017

http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v13i3.7114

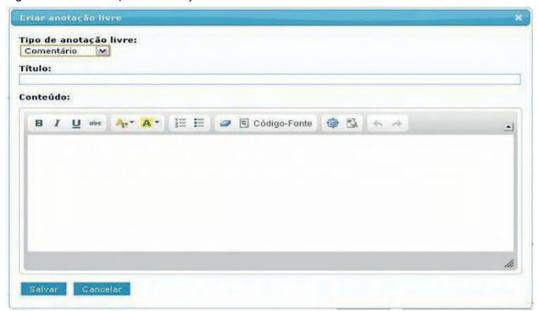
Professor permanente do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: emanoel.uema@gmail.com

denominam de literatura digitalizada, e não deve se confundir com literatura digital.

A utilização da ferramenta está atrelada a um cadastro prévio no endereço www.dlnotes2.ufsc.br e à criação de um usuário e login. Além disso, o leitor precisa estar cadastrado em uma atividade para poder ter acesso às obras. O cadastro de atividades, por enquanto, é uma ação que só pode ser realizada por moderadores do sistema.

Para fazer as anotações é preciso, depois de estar conectado à plataforma do DLnotes2 e abrir um dos textos da disciplina selecionada, efetuar, com o botão direito do *mouse*, um clique no início do trecho a ser anotado e outro no final desse. De imediato, uma caixa abre-se na tela na qual a leitura está sendo realizada e o leitor pode escrever a sua anotação.

Figura 1 – Caixa na qual as anotações são feitas



Fonte: disponível em: <www.dlnotes2.ufsc.br>. Acesso em: 20 jan. 2017.

A análise empírica das leituras realizadas com a ferramenta de anotações permitiu verificar que muitas particularidades levantadas pelas teorias da leitura literária, defendidas por autores como Roman Ingarden (1965) e Wolfgang Iser (1996, 1999), podem nos ajudar a com-

preender o tipo de leitura que é realizado e quais os limites dessa compreensão, sem subjugar a experiência de leitura de literatura em meio digital à teoria.

A escolha por autores ligados à literatura pensada para o meio impresso reside no fato de que, a nosso ver, as

estratégias de leitura empregadas com a utilização da ferramenta DLNotes2 ainda estão muito relacionada ao modelo de leitura mais tradicional. Aquele em que, a maioria de nós, teve seu primeiro contato com obras literárias. Além disso. a própria natureza da obra, isenta de aglutinações multimídias, a aproxima ainda mais desse modelo. É preciso notar, contudo, que não estamos afirmando aqui que a leitura se realiza exatamente da mesma maneira, uma vez que sabemos, e pesquisadores como Katheryne Hayles (2009) há algum tempo nos comprovam, a mudança de suporte, por si só, já ocasiona uma mudança na forma como a obra é lida. O que queremos mostrar é que, à luz de certas teorias, a leitura de literatura digitalizada pode ganhar compreensões que ajudam a melhor entendê-la.

Assim, as anotações realizadas durante a leitura das obras, como uma espécie de trilha deixada pelo leitor, nos fornecem subsídios palpáveis para relacionar o discurso teórico com as práticas leitoras empregadas.

Mais do que auxiliar a complementar os espaços vazios da obra literária (ISER, 1996), a leitura anotada permite construir uma topografia da obra que, dentre outras coisas, revela os pontos nevrálgicos suscitados pela interação leitor/obra. Isso possibilita, por exemplo, o desenvolvimento de atividades que vão ao encontro de leituras realizadas. Outrossim, também nos revela possibilidades de análise da obra literária basea-

das, não somente em contextos teóricos, mas em experiências empíricas do leitor durante a leitura literária.

### Anotações em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Tendo o seu uso acompanhado por nós desde 2011, a ferramenta de anotações DLNotes2 já possuj em seu banco de dados 1.307 usuários cadastrados e 42.471 anotações realizadas em quase uma centena de obras. A título de demonstração, iremos expor as anotações que três leitores realizaram na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, no primeiro semestre de 2015. A escolha reside no fato de, para nós, as anotações realizadas durante a leitura são paradigmáticas para a nosso modelo de compreensão de leitura de literatura em meio digital. Outrossim, uma quantidade maior de leitores extrapolaria os limites desse texto.

Pretendemos, com essa escolha, demonstrar, de forma mais abrangente, questões envolvendo a relação que se estabelece entre anotação, leitor e texto lido. Bem como, visualizar, de forma empírica, as estratégias de leitura empregadas e como elas refletem a proposta de leitura literária defendida pelos autores citados anteriormente.

Tabela 1 - Anotações e trechos anotados na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas - Leitor 1

(continua...)

	(continua)	
	TRECHO ANOTADO	ANOTAÇÃO
1	"As Memórias Póstumas de Brás Cubas são um romance?"	Aqui, Machado parece falar do romance (gênero literário) como se, naturalmente, esse estivesse incumbido de expressar alguma espécie de amor (e até um otimismo), pois nota que na alma do texto vai um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir de seus modelos. Noto que em laiá Garcia, por exemplo, o que Machado considerava um romance romântico, talvez fosse aquele primeiro devaneio de Jorge ao pensar na amada como uma donzela que esperasse seu retorno. Então ele já tem consciência da transição para o realismo, certamente.
2	<ul> <li>Nhonhô, não repares nesse grande manhoso que aí está; não quer falar para fazer crer que está à morte.</li> </ul>	Não é, de fato, um comentário muito pertinente; mas me lembrei de uma cena dum filme galego chamado <i>Mar Adentro</i> , onde o protagonista tetraplégico faz que sente dor nas pernas enquanto um guri brinca com elas. O diretor, no entanto, é chileno. Será que não poderia ter havido alguma leitura de Machado, até pela proximidade da língua galega? Enfim, é um tiro no escuro. Comentário vago demais.
3	Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não.	Desde laiá Garcia, Machado parece travar uma luta contra a linguagem romântica, sempre afável e inexpressiva. Aqui podemos notar esse embate, mais uma vez, na descrição de Virgília.
4	Talvez essa circunstância lhe diminuía um pouco da graça virginal.	Interessante como, mesmo indo contra a corrente romântica, Machado parece admitir o tal da beleza virginal.
5	Ao cabo, era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas, que o romantismo foi buscar ao castelo medieval, para dar com ele nas ruas do nosso século.	Dois pontos. Machado continua zombando da imagem de protagonista romântico, como já fazia em Iaiá Garcia, além de assumir, agora, que escreve como autor realista. Depois de Iaiá, não poderia vir nenhum outro tipo de romance.
6	O DELÍRIO	Me lembrou <i>O Sonho de um Homem Ridículo</i> . Não sobre o contexto de conhecimento da perversão, como faz o protagonista de Dostoievski, mas pela posição do sonho. Tanto em um, quanto em outro, o sonho, na narrativa, é um escape do fantástico, onde as revelações acontecem.

		` '
7	O MENINO É PAI DO HOMEM	Ainda sobre O Sonho de um Homem Ridículo, pensemos que Dostoievski assemelha sua visão dos moradores do paraíso às crianças no estado mais pueril, e não menor poder compele Machado. Esse pensamento compartilhado da infância como forma natural mais primitiva e mais coerente, o momento de grande aprendizagem e vida, não denuncia uma certa leitura dos princípios românticos daquele mito da infância? Me lembra Rousseau, em certa parte.
8	murmurou que o marido gostava muito dela.	Esse ponto é interessante. Virgília parece, ao decorrer do romance, ver Brás como uma paixão romântica, ardente, mas vê que seu marido é um ponto seguro e sempre o elogia. Parece que ama-o de verdade, não só pela aparência. Ou seria essa uma técnica de defesa?
9	Tive uma sensação esquisita.	É como se o amor estivesse se esvaindo? Arrisco a metáfora. O muro, ainda que pequeno, é um empecilho ao amor dos dois, esse muro que antes não havia, e se agora existe, tende a aumentar. É um antigo bilhete de quando Brás saltaria muros, e agora é um velho bilhete sem descendentes, revivido num tempo em que não faz mais sentido, e o protagonista não faz mais nenhum esforço.
10	Mas eu não quero descrevê-lo. Se fa- lasse, por exemplo, no botão de ouro que trazia ao peito, e na qualidade do couro das botas, iniciaria uma descri- ção, que omito por brevidade.	Não só pela brevidade, que até onde sei, Machado é contra esse tipo de narrativa esdrúxula.
11	CAPÍTULO CIII / DISTRAÇÃO	É engraçado como Dona Plácida já simpatiza com o casal, aqui, diferente do que fazia antes. De onde vem essa simpatia?
12	Virgília dizia-me uma porção de coisas duras, ameaçava-me com a separação, enfim louvava o marido. Esse sim, era um homem digno, muito superior a mim, delicado, um primor de cortesia e afeição; é o que ela dizia, enquanto eu, sentado, com os braços fincados nos joelhos, olhava para o chão, onde uma mosca arrastava uma formiga que lhe mordia o pé. Pobre mosca! Pobre formiga!	Como sempre, Virgília parece amar verdadeiramente o marido e admirá-lo. Brás continua sendo essa diversão, ao que compreendo, mas ela não tem consciência disso.
13	Não se irrite o leitor com esta confissão. Eu bem sei que, para titilar-lhe os nervos da fantasia, devia padecer um grande desespero, derramar algumas lágrimas, e não almoçar. Seria romanesco; mas não seria biográfico.	Outro comentário de pouca utilidade prática: mais uma amostra da consciência de Machado!

Fonte: Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística- NuPILL (2016).

A análise das anotações, bem como o conhecimento da obra e do trecho anotado, nos ajuda a perceber o modelo de leitura que foi empreendido pelo aluno. Aqui, podemos visualizar uma relação com o que a teoria multiestratificada de Ingarden (1965) chama de concretização dos aspectos esquematizados, ou seja, se é verdade que o estrato das objetividades apresentadas, aquele que nos mostra os obietos da obra e nos faz construir o seu mundo, se encarrega de projetar as intencionalidades da obra, um dado objeto que se apresenta numa multiplicidade finita e determinada de qualidades, a personagem Virgília, por exemplo, só pode se dar nessa multiplicidade determinada de aspectos que são esquematizados de forma a revelar o próprio objeto. Porém, o modo como processamos o preenchimento mais pormenorizado dos aspectos esquematizados "já não depende em parte do objeto e da seleção das suas qualidades mas de diversos factores de natureza subjectiva que variam de caso para caso" (INGARDEN, 1965, p. 288). É possível perceber nas anotações que as objetividades levantadas pela obra, ou seja, o conjunto das unidades de significação empregadas para dar forma ao mundo textual, são concretizadas de forma muito específica e indissociável das vivências anteriores do leitor. A síntese dos aspectos esquematizados operada pelo leitor nos revela que a leitura recupera e traz à tona experiências prévias que contribuem de forma significativa para a construção do sentido levantado.

Para Ingarden (1965), os aspectos, que são apenas coordenados pela obra, precisam de outros fatores externos para serem atualizados. Assim:

Alguns destes factores podem ser produzidos por várias particularidades da própria obra literária, outros, em contrapartida, residem no indivíduo psíquico com suas vivências, de modo que os aspectos esquematizados só podem ser concretizados e actualizados pelo leitor... (INGARDEN, 1965, p. 291).

É nessa medida que podemos perceber que as atualizações que o leitor 1 fez durante a leitura do romance estão intimamente ligadas com o seu histórico como indivíduo leitor. Outrossim, é interessante notar como o leitor vai muito além do preenchimento dos pontos de indeterminação. Ele aciona estratégias que ultrapassam o simples reconhecimento das objetividades levantadas. Há, a nosso ver, uma operação de síntese que correlaciona, em determinados momentos, a construção dos personagens, o enredo, intertextualidades, as artimanhas empregadas por Machado para fazer surgir determinados sentidos durante a leitura, bem como a obra vista como um todo.

É perceptível, também, que o leitor não atua de forma linear durante a leitura. A partir das anotações, podemos entrever uma série de suposições que são levantadas e que não estão dispostas na obra exatamente no trecho anotado ou em qualquer outro lugar de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Em um processo que, ao mesmo tempo, utiliza retenções e protensões, o leitor

relaciona trechos da obra com elementos que já foram lidos e com outros que ele imagina que virão. O recurso da intertextualidade é outro componente visível nas anotações.

Ainda sobre o que as anotações nos permitem ver, podemos destacar a ênfase que o leitor dá à linguagem empregada por Machado. Estabelecendo conexões com leituras anteriores, *Iaiá Garcia*, por

exemplo, o leitor aponta em suas anotações detalhes relacionados à forma como Machado utiliza a linguagem e como ela se modifica entre os romances, às vezes mais romântica e às vezes mais realista. O que nos permite, também, compreender o nível de leitura estabelecido e os vieses que ela destaca.

Vejamos agora as anotações feitas por um segundo leitor.

Tabela 2 - Anotações e trechos anotados na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas - Leitor 2

(continua...)

	TRECHO ANOTADO	ANOTAÇÃO
1	– Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de D. Plá- cida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de fes- ta. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou D. Plácida.	Mesmo que muitos críticos apontem uma suposta alienação por parte de Machado de Assis no que se refere à sociedade e à política, acredito que essa passagem demonstra plena compreensão de como a vida das pessoas de classe mais baixa eram. Ao meu ver essa parte é sim uma espécie de crítica social. Essa passagem também parece quebrar um pouco o clima da obra, pois ela é repleta de nuances irônicos e cômicos, entretanto, nesse momento, ela adquire um clima mais pesado, mesmo que apenas momentaneamente.
2	Na outra sala estava Lobo Neves, que me fez muitos cumprimentos, acerca dos meus escritos políticos, acrescentando que nada dizia dos literários por não entender deles, mas os políticos eram excelentes, bem pensados e bem escritos.	Interessante como os escritos políticos parecem ter uma função simplesmente estética para o protagonista, dando a impressão de que ele os escreve apenas para saciar sua vaidade, ou então para cumprir certas metas sociais, no caso, como se fosse lugar comum um homem de sua camada social escrever tais escritos.
3	do fundo do meu sepulcro.	Interessante observar que mesmo sendo a obra machadiana repleta de alusões e referências à Bíblia - o que reflete os ideais religiosos do autor - o protagonista, ao morrer, não passa por nenhum tipo de julgamento, não vai a nenhum tipo de paraíso, assim como não é castigado pelo inferno. O personagem simplesmente morre, vai para sua sepultura e - em termos - acaba aí. Mas o que é mais curioso é o fato de que ele não parece achar ruim ou bom, ele apenas aceita e encara isso tudo com certa ironia e desapego, sem realmente se importar, ou se importando muito pouco, com o fato de estar selado em uma sepultura e de seu corpo estar se decompondo aos poucos. Minha teoria é que isso ocorre porque ele reconhece a vida miserável que teve e por isso nem chega a se importar com sua situação póstuma, não chega a se importar com ser devorado por vermes ou por estar trancafiado em uma sepultura.

4	Mas a alegria que se dá à alma dos doentes e dos pobres, é recompensa de algum valor; e não me digam que é negativa, por só recebê-la o obsequiado. Não; eu recebia-a de um modo reflexo, e ainda assim grande, tão grande que me dava excelente idéia de mim mesmo.	O início do capítulo parece induzir o leitor a uma suposta redenção por parte do protagonista, como se ele realmente passasse a ajudar as pessoas por algum motivo mais nobre, entretanto, essa última passagem desconstrói essa imagem ao apontar que ele fazia isso apenas porque assim desenvolvia uma ideia superior de si mesmo, vaidade essa que buscou por toda sua vida, mas que nunca chegou a alcançar verdadeiramente, afinal não foi ministro, não chegou a se casar e também não conseguiu alavancar o jornal que começou com o apoio de Quincas Borba.
5	A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocremente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades – principalmente de saudades.	Essa passagem parece ter uma certa dose de ironia crítica. Viajar à Europa em busca de um título de bacharel era algo recorrente na camada mais elevada da sociedade brasileira do século XIX, mas na grande maioria dos casos não passava disso, um título. A Academia, por muitos, não era vista como uma forma de adquirir conhecimento, mas sim como um caminho para inflar suas vaidades e de suas respectivas famílias.
6	Humanitismo	Ao meu ver, essa corrente filosófica criada pelo personagem Quincas Borba - possivelmente o personagem mais caricato da obra - é uma sátira às mais variadas tendências filosóficas do século XIX. Essa escola filosófica também parece fazer certa referência a Nietzsche ao falar sobre ao apontar falhas em várias religiões, dentre elas o próprio cristianismo e isso reforça a ideia de sátira.
7	D. PLÁCIDA	Essa personagem parece se contrapor a certos aspectos que são apresentados na obra laiá Garcia. Aqui mulher que representa a camada mais pobre da sociedade parece coberta por um manto de pessimismo, como se não tivesse esperança e nem maneiras de subir na escala social, já em laiá Garcia parece haver uma certa esperança ou então oportunidade de subir socialmente, que é através do casamento, aqui até mesmo o casamento é representado de uma forma negativa, pois D. Plácida vem a se casar novamente e o marido acaba fugindo com o dinheiro que possuía. Acredito que isso possa ser um reflexo tanto das características da escola realista, quanto de alguma mudança na ideologia do autor.
8	borboleta	A aparição de uma borboleta é muito recorrente nos capítulos que dizem respeito a Eugênia. Nessa parte em questão a borboleta preta parece metaforizar a deficiência física da personagem. O fato de ser uma borboleta preta gera repulsa nas duas mulheres, mas é tratado com descaso por Brás, assim como acontece com Eugênia, que mesmo sendo uma jovem bonita, acaba repelindo o protagonista devido ao fato de ser coxa, ao mesmo tempo em que sente certo descaso pelo mesmo.
9	Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dixes e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações.	Outro exemplo da ironia machadiana aplicada à sociedade brasileira da época, sendo que essa sentença deixa claro que o amor seria um comércio e portanto pode ser obtido através de transações, nesse caso, as joias. Isso se confirma por sua relação com Marcela, que é gerada e desenvolvida quase que totalmente através da compra de joias para presentear.

10	Memórias Póstumas de Brás Cubas	A obra me lembrou do filme norte-americano <i>Cidadão Kane</i> , dirigido por Orson Welles, ao menos na estrutura narrativa. Ambos começam com a morte do protagonista e depois remontam sua história desde a infância, seguindo uma trajetória não-linear. Os protagonistas também se assemelham de certa forma, ambos ricos, envolvem-se com duas mulheres (Eugênia não conta, foi só um beijo) e terminam suas vidas sozinhos. Muito provavelmente é só uma coincidência, mas achei curioso.
11	nossa miséria.	Depois de uma obra repleta de ironia, sátira e óbvio descontentamento com muitas dos elementos que compõe a sociedade, o autor encerra a obra com uma frase marcante. Nossa miséria e não minha miséria, ele fala de si, mas incluí outros nisso. Acredito que esses outros podem ser Quincas Borba (onde poderíamos ver a miséria como o próprio Humanitismo), Virgília, sua família mas acima de tudo, creio que ele se refere a toda a humanidade. Ao fim de tudo, apenas miséria.

Fonte: Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística - NuPILL (2016).

Processos semelhantes aos empregados pelo primeiro leitor acontecem aqui também. Novamente, conseguimos perceber que tipo de aspectos chamaram mais a atenção do leitor e de que forma eles foram atualizados. Um fato importante diz respeito ao destaque que segmentos diversos ganharam nas duas leituras. É visível a variedade de elementos que são levantados nas anotações de ambas as leituras e como eles, ao mesmo tempo, se diferenciam e se complementam.

A teoria perseguida por Ingarden (1965) e, subsequentemente, por Iser (1996, 1999), mesmo com suas limitações, nos ajuda a compreender como uma mesma obra pode gerar leituras tão diversas entre si. Por um lado, a multiplicidade de leituras que uma mesma obra pode receber, devido à forma como os aspectos esquematizados são atualizados, reforça a visão de leitura literária defendida por Ingarden (1965). Por outro, nos faz, também, concordar com o

que propõe Iser (1996, 1999) ao afirmar que a atualização dos repertórios textuais vai de encontro com a familiaridade do leitor com o sistema de referências selecionado pela obra.

As individualidades inerentes a cada leitor condicionam a atualização dos aspectos esquematizados (INGARDEN, 1965) ou do repertório textual (ISER, 1999) de forma muito particular. Se, como é sabido, é impossível que um leitor dê conta de todas as possibilidades interpretativas da obra, pois em cada leitura a combinação dos esquemas textuais se dá de forma diferente, cada conjunto de anotações nos permitiria observar, entre outras coisas, que contextos chamam mais a atenção do leitor e que diferentes interpretações são dadas a tais contextos.

Como o repertório de uma obra ficcional tem graus de complexidade e atualização bastante distintos, a relação que se estabelece entre obra e leitor, apesar do seu caráter individual, não pode ser considerada completamente arbitrária, uma vez que, fruto de "decisões de seleção", o repertório textual traz consigo não só "modelos de realidade", mas, também, sistemas de sentido próprios de cada época e contexto (ISER, 1996, 1999). Ademais, para que o processo de comunicação entre leitor e obra literária se efetue, ela precisa trazer em seu cerne elementos familiares ao leitor que vão desde referências a obras de outras épocas, normas sociais e históricas até, em um sentido mais amplo, ao contexto sociocultural do qual ela emergiu.

#### Para Iser:

O grau de definição do repertório é um pressuposto elementar para que texto e leitor tenham algo em comum. Pois uma comunicação só pode realizar-se ali onde esse traço comum é dado; ao mesmo tempo, porém, o repertório é apenas o material da comunicação, o que vale dizer que a comunicação vem a se realizar se os elementos comuns não coincidem plenamente (1996, p. 131).

Vista como comunicação, a relação entre leitor e obra literária só se concretiza quando há um fundo comum entre as partes. Contudo, tal fundo não deve ser visto como cópia de uma realidade extratextual, pois, porque se situam em outro ambiente, as convenções e tradições que formam esse fundo são separadas de seus contextos originais e assumem outras relações na obra literária. Assim, o familiar na obra literária interessa menos por ser familiar e mais porque o que é intencionado por ele resulta de um uso ainda desconhecido.

Ao evocarem uma série de referências que constituem o repertório textual, as anotações trazem à tona relações particulares entre leitor e sistemas de sentido que não são dados sob as condições conhecidas, ou seja, o deslocamento, ou desfamiliarização das realidades conhecidas pelo leitor motiva, na obra, um processo comunicativo ao requerer uma nova estruturação e correção entre os elementos empregados.

Ao transcodificar "as normas dos sistemas de referência" (ISER, 1996, p. 145), mesmo que historicamente distantes do leitor, a obra literária evidencia, quer por carência, quer por exagero, o horizonte original ao qual o texto reage. As anotações, por sua vez, nos permitem verificar de que forma o horizonte original foi atualizado. Podemos verificar isso, quando, por exemplo, as anotações relatam as críticas que Machado faz à sociedade da época ou quando mencionam as transformações na linguagem utilizada tanto em *Iaiá Garcia* quanto em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Vejamos o que as anotações do terceiro leitor nos revelam sobre a leitura feita e como ela se relaciona com as outras.

Tabela 3 – Anotações e trechos anotados na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas – Leitor 3

1	Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas.	Pode-se imaginar o efeito que tal dedicatória causou nos leitores que ainda estavam acostumados com o eufemismo presente no romantismo
2	Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor.	Por que é que o Machado fica se explicando??? O livro é seu, meu bem, faça como achar melhor! Acho graça.
3	Epicuro. [Explicação]	Filósofo grego. Mais um, aliás.
4	Não chorei, lembra-me que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa; a consciência boquiaberta. Quê? uma criatura tão dócil, tão meiga, tão santa, que nunca jamais fizera verter uma lágrima de desgosto, mãe carinhosa, esposa imaculada, era força que morresse assim, trateada, mordida pelo dente tenaz de uma doença sem misericórdia? Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano	É uma bela passagem. Está aí um ponto que o ser humano nunca vai entender: como pode um ser humano tão bondoso, tão amável, ser tirado da gente assim, do nada? Mãe da gente deveria ser eterna.
5	Eugênia, a flor da moita	"Nisto recordei-me do episódio de 1814; ela (D. Eusébia), o Vilaça, a moita, o beijo, o meu grito" Ironia muito boa!
6	Não desci, e acrescentei um versículo ao Evangelho: – Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças.	Adoro essa parte. Machado de Assis não tinha vergonha na cara mesmo, né? Nem a bíblia escapa!
7	Diabrete [Dúvida]	Diabrete: diabo pequeno. Diabrete angélico???
8	Amava-me uma mulher, tinha a confiança do marido, ia por secretário de ambos, reconciliava-me com os meus. Que podia desejar mais, em vinte e quatro horas?	Quem sabe querer que a mulher não tivesse o marido??? Não digo
9	Era o caso de Hamlet: ou dobrar-me à fortuna, ou lutar com ela e subjugá-la. Por outros termos: embarcar ou não embarcar. Esta era a questão.	Intertextualidade com Hamlet. Ser ou não ser, eis a questão.
10	Leitor pacato.	Arrogância, denunciando novamente o narrador.
11	<ul> <li>Vieram os que deveras se interessam por você e por nós. Os oitenta viriam por formalidade, falariam da inércia do governo, das panacéias dos boticários, do preço das casas, ou uns dos outros</li> <li>Damasceno ouviu calado, abanou outra vez a cabeça, e suspirou:</li> <li>Mas viessem!</li> </ul>	De fato, o ser humano é assim. Se importa mais com a quantidade do que com qualquer outra coisa. Precisa de números e não de sentimentos. É uma bela crítica.
12	A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.	Se você for um bom leitor, você vai gostar. Arrogância presente desde o princípio.

Fonte: Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística - NuPILL (2016).

As anotações dessa terceira leitura destoam, de certo modo, das feitas nas duas leituras anteriores. Se, por um lado, as anotações das duas primeiras leituras demonstram um maior alinhamento com as práticas acadêmicas mais tradicionais; por outro, as feitas na terceira leitura demonstram claramente um nível de entrosamento pessoal com a obra muito além daquele que, normalmente, se estabelece em uma atividade de sala de aula.

Como uma espécie de transcrição do pensamento do leitor, as anotações nos evidenciam, além das estratégias expostas anteriormente, particularidades da leitura realizada que não são facilmente associadas com as teorias defendida por Ingarden (1965) e Iser (1996, 1999). Não se trata apenas, como podemos ver nas últimas anotações, do reconhecimento das estratégias textuais ou da concretização dos aspectos esquematizados (IN-GARDEN, 1965), ou do preenchimento ou complementação dos espaços vazios (ISER, 1999). A leitura literária, quer seja com o DLnotes2 ou não, é, para nós, vista como uma experiência, no sentido estético mesmo do termo. Um acontecimento que se dá entre leitor e obra e que o faz pensar, agir e sentir.

As anotações: "Por que é que o Machado fica se explicando??? O livro é seu, meu bem, faça como achar melhor! Acho graça" e "Adoro essa parte. Machado de Assis não tinha vergonha na cara mesmo, né? Nem a bíblia escapa!" são exemplos de como, durante a leitura, um agenciamento entre leitor e obra é

articulado. Algo acontece com o leitor que faz com que ele se sinta impulsionado a questionar as ações do narrador ou dos protagonistas. Mas, para quem essas questões são feitas? E por que elas têm esse tom descaradamente subjetivo? Ora, arriscamos dizer que os questionamentos não são direcionados ao escritor, autor,² narrador ou aos personagens. O leitor pergunta a ele mesmo. Ele deixa escapar, aqui, não somente as impressões que a obra faz surgir, mas, também, como ela o afeta intimamente e como ele se posiciona diante disso.

#### Conclusão

O DLnotes2, possibilitando ao leitor, a partir das anotações, ocupar e se inserir no todo da obra, amplifica consideravelmente a interação que se estabelece entre as partes envolvidas. A partir das anotações é possível perceber os níveis em que essa interação se dá e como um elemento, que até então não fora abordado pelas teorias anteriores, passa a ser associado ao processo de leitura e a ser percebido como intrinsecamente relacionado ao ato de ler e àquilo que chamamos de experiência. A saber: o corpo.

É, pois, ao compreender a leitura literária como uma experiência que ocorre entre leitor e obra e, também, observando que não pode haver tal experiência sem que o corpo do leitor esteja imbricado no processo de leitura, que cremos que a leitura realizada com a ferramenta de anotações aproxima o leitor da obra, agora em meio digital, e habitua, no

sentido mesmo de tornar hábito, suas práticas frente ao objeto digital.

Talvez o problema do uso de ferramentas digitais ou da leitura de literatura em meio digital esteja mais relacionado com a forma como as ferramentas digitais são trabalhas do que especificamente com elas mesmas. Ou não é verdade que práticas tradicionais de ensino também podem se mostrar ineficientes em contextos diversos? Toda generalização, bem sabemos, corre riscos efetivos de não verificação. Pois deixa de dar ênfase ao processo como um todo e passa a pontuar apenas aspectos isolados.

Se, por um lado, há uma crescente e bem sucedida iniciativa de criar e aparelhar bibliotecas digitais, em todo o mundo, há, por outro, uma resistência, mais por parte de professores do que de alunos, em trabalhar com obras que, hoje, são de acesso bem mais fácil, mas que estão em formato digital.

A experiência do uso do DLnotes2 em sala de aula, algo perto de sete anos, em instituições de ensino como a UFSC, a UFMG, a Unicamp, a Universidade Complutense de Madrid, a Univille e outras, tem nos mostrado que longe de ser apenas mais um recurso digital, a ferramenta de anotações tem impacto decisivo na forma como a obra digitalizada é lida e compreendida.

Mas isso não quer dizer que a leitura em meio impresso deva ser substituída pela leitura com o DLnotes2, não é isso que estamos defendendo. São propostas diferentes e que trabalham com objetos com especificidades próprias. As duas formas podem, ainda assim, ser trabalhadas conjuntamente para melhorar a compreensão, não só de obras literárias, mas das próprias pesquisas realizadas em nossa área.

Se muito se fala sobre a superficialidade da leitura em meio digital, a pesquisa realizada por nós vem justamente comprovar que a leitura em meio digital tem muito a nos oferecer. Algumas das anotações destacadas por nós estão muito mais atreladas a uma leitura com bons níveis de compreensão do que a leituras sem profundidade. É claro que nem todas as leituras demonstram um bom nível de maturidade, mas isso, também, não é exclusividade da leitura em meio digital.

## Digital Reading: the use of the DLNotes2 annotation tool

#### Abstract

The paper intends to demonstrate three readings of *Memórias Póstuma de Brás Cubas* made from the use of an annotation tool in literary works in digital media, DLNotes2. In order to find assumptions in the theories of literary reading defended by authors of phenomenological bias, Roman Ingarden (1965) and Wolfgang Iser (1996, 1999), we intend to show how digital reading tools can be used with digital literary works and how these tools help/modify reading of literature in digital media.

*Keywords*: Literary reading in digital media. Digitalized literature. Digital tools. DLNotes2.

#### Notas

- A sigla DL refere-se às palavras inglesas digital e library, respectivamente, e notes pode ser traduzido por anotações.
- Autor, aqui, está entendido como uma instância interna da obra e não se confunde com a pessoa física e empiricamente alcançada, o escritor.

#### Referências

HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica*: novos horizontes para o literário. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: UPF Editora, 2009.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Trad. Albin E. Beau, et al. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. I.

\_\_\_\_\_. *O ato da leitura*: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. v. II.